

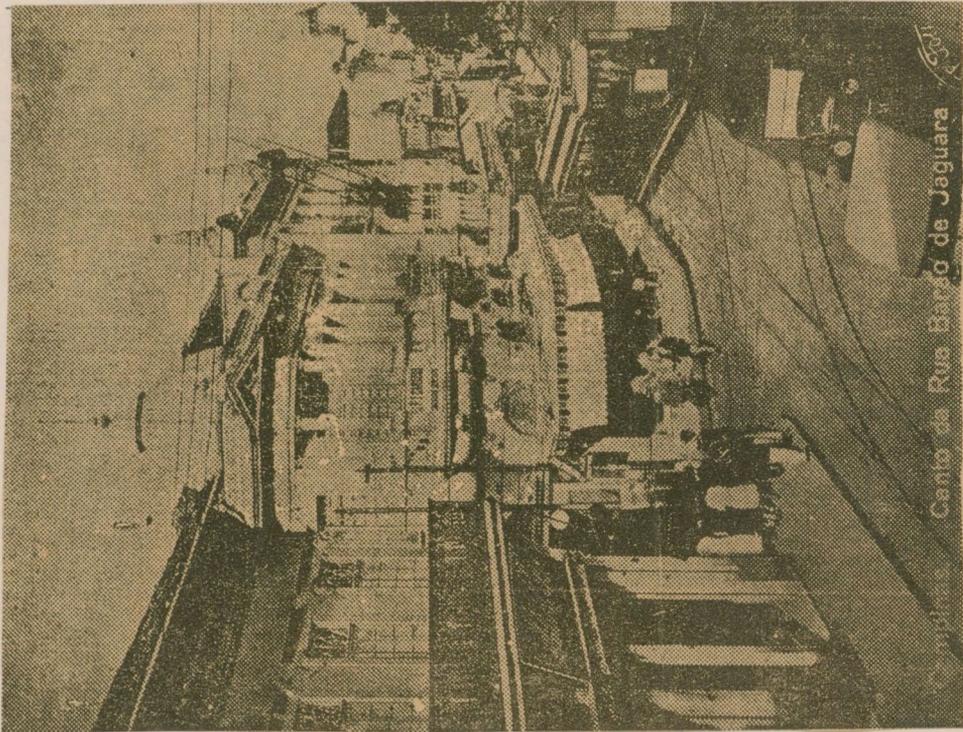
MEDALJON, Jayme. Campinas, o terceiro centro urbano do Estado de São Paulo, vê transcorrer hoje o primeiro centenário de sua elevação a categoria de cidade, comemorando a data com várias solenidades: da - dos históricos sobre a fundação - o atual desenvolvimento da Princesa d'Oeste - o sr. inventor federal declarou facultativo o ponto, hoje, nas repartições públicas locais - o programa organizado para as festividades - notas. Folha da Manhã, São Paulo, 05 fev. 1942. (matéria incompleta).

**Campinas, o Terceiro Centro Urbano do Estado de São Paulo, Vê Transcorrer Hoje o Primeiro Centenário de Sua Elevação à Categoria de Cidade, Comemorando a Data com Várias Solenidades**

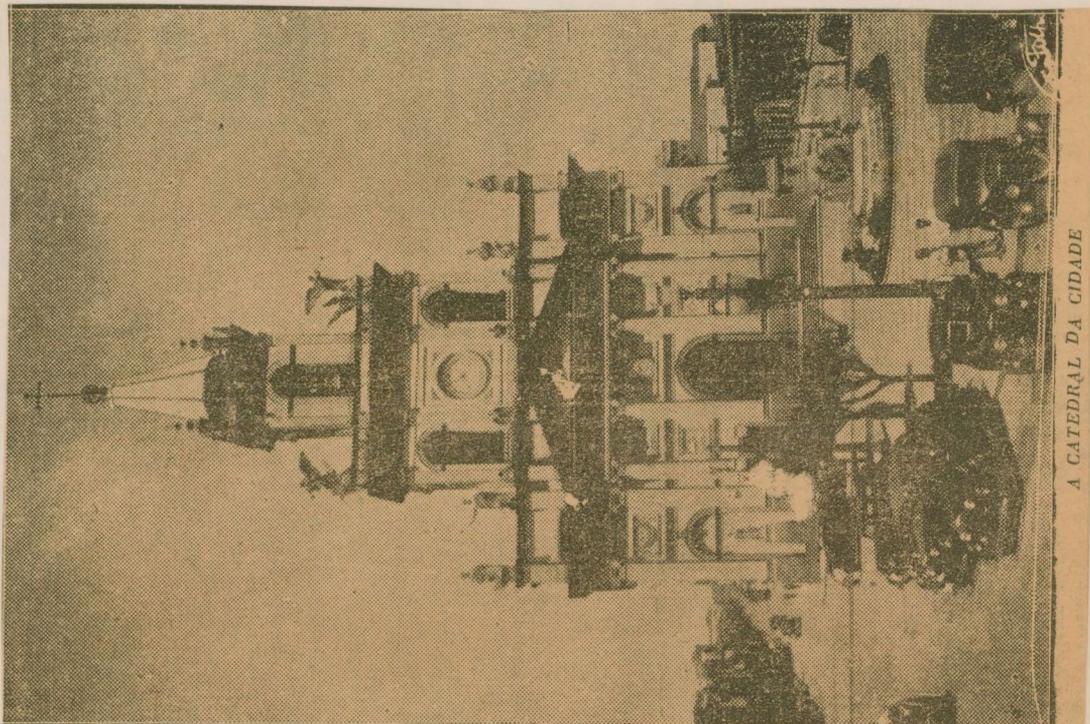
**Dados Históricos Sobre a Fundação — O Atual Desenvolvimento da "Princesa d'Oeste" — O sr. Interventor Federal Declarou Facultativo o Ponto, Hoje, nas Repartições Públicas Locais — O Programa Organizado para as Festividades — Notas**

De JAYME MEDALJON

Correspondente das "Folhas" em  
Campinas

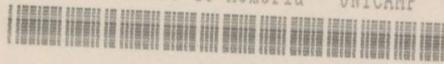


Aspecto da rua Barão de Jaguara, a mais importante da cidade



A CATEDRAL DA CIDADE

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE024911

CAMPINAS, 4 (Da sucursal da "Folha da Manhã") — A data de amanhã registra a passagem do primeiro centenário da elevação de Campinas à categoria de cidade. O decreto provincial foi assinado pelo barão de Monte Alegre.

Campinas, que ocupa posição invejável entre as demais da hinterlândia paulista, conta para mais de 200 anos de existência, sendo, a despeito dos numerosos fatores que impediram o seu mais rápido desenvolvimento, um dos principais centros agrícolas, industriais, comerciais, hospitalares e instrutivos de S. Paulo.

É privilegiada quanto ao seu clima, que é ameno e em geral seco. A superfície do município é de 1.599.630 quilômetros quadrados, sendo os seus contornos irregulares, assentados em solo pouco montanhoso, não contando elevação notável a não ser em suas divisas com o município de Itatiba (Serra de Cabras, com a altitude máxima de 1.000 metros). A altitude média do município é de 693 metros acima do nível do mar.

Cortada por numerosas vias de comunicação, entre as quais podemos citar as estradas de ferro Paulista Mogiana e Sorocabana, e as excelentes rodovias estaduais e municipais. Os limites de Campinas são: ao norte com os municípios de Mogi-Mirim e Limeira; a nordeste, com os de Pedreira e Amparo; a leste e sudoeste, com o de Itatiba; ao sul, com os de Jundiá e Indaiatuba; a sudoeste, com o de Monte-Mor, e ao oeste, com Americana e Santa Bárbara.

A situação financeira do município tem prosperado de uma maneira apreciável, sendo de notar que ainda em 1923 a sua receita mal atingia a 2.000 contos de réis, para passar a 3.000 em 1924, 4.000 em 1927, 5.000 em 1928, daí até 1935, variou entre 5.000 e 6.000 e nesse ano, passou a 6.543, para em 1936, atingir 6.854. Decresceu em 1937 em cerca de 300 contos, elevando-se em 1938 a 7.403, para daí para cá seguir curva acensional a ponto do município haver atingido em 1941 a 9.300, e esperando arrecadar em 1942 a importância de 9.950 contos de réis.

#### A FUNDAÇÃO DA CIDADE

A então estrada de Jundiá para as minas de Golias passava pelo sítio da "Samambala" e chácara de d. Maria Fausta e alcançando o lugar depois conhecido por Campinas Velhas, tomava pelo caminho que corre em frente da chácara então pertencente ao dr. Sampaio Peixoto, até cair na estrada do Taquaral ou de Mogi-Mirim, primitivamente Mogi dos Campos, cuja área descoberta facilitou ali a formação do povoado, anterior ao de Campinas, sendo o primeiro estímulo, em ambos os casos, o fato de serem pontos para viajantes de Golias e Cubatã, permitindo Mogi melhores acomodações para o descanso e invernada de tropas.

Naquelas épocas de excursões longínquas o ponto de mira que se apresentava para todos os árduos comitentes era a descoberta de novos domínios para a coroa portuguesa e a excavação do solo em demanda de metais e pedras preciosas. Campinas que servia tão somente de pouso para os bandeirantes em demanda de Golias, ficou durante muitos anos ignorada como terra de grandes possibilidades.

Espalhando-se no entanto a notícia da produtividade das terras de Campinas, aumentou a imigração de lavradores, e, entre estes, veio de Taubaté Francisco Barreto Leme no ano de 1739, que para aqui se passara seguido de numerosas famílias.

Trinta anos mais tarde, contando já Campinas 61 famílias com 357 pessoas, Barreto Leme entrou a tratar da freguesia para o serviço religioso, e a despeito da oposição que o vigário de Jundiá moveu, o qual chegou mesmo a informar ao final do seu despacho no requerimento que lhe foi encaminhado — "com escritura de dote de bens de raiz que rendam ao menos seis mil réis anualmente para reparação e fabrico da capela que intentam, tornem, etc." — o abnegado taubateano conseguiu a desejada permissão do bispo d. frei Manuel da Resurreição, em 1774, tendo feito a oferta do terreno para o patrimônio da igreja.

A esse tempo já Barreto Leme estava oficialmente constituído fundador e povoador da nova freguesia de Nossa Senhora das Campinas de Mato Grosso, distrito da Vila de Jundiá, nome primitivo de Campinas.

Em 1797 contava a nova freguesia com mais de 400 fogos, com 2.107 pessoas, quando os seus habitantes pediram ao então governador Mello e Castro a sua ereção a vila, enviando-lhe a seguinte petição: "Ilmo. e Exmo. Sr. Dize os moradores da nova freguesia de Campinas do termo da Vila de Jundiá, que consta do assig-nado junto, que se vem vexados em servirem aos cargos da Republica a dita Villa por morarem distiados da mesma oyto, dez, doze, quatorze fe-guas, no que sentem gravissimos pre-juzos nas suas Lavouras por serem Engenheiros, quando a freguezia dos Suppes, tem no todo o numero de duas mil cento e sete pessoas, e a tres anos a esta parte tem crescido seis centas, e oytenta e oyto pessoas como fazem certo pela attestação junto do seo parcho e de fogos ha mais de coatro centos, e de rendimen-tos poderá ter a Villa sincoenta mil reis, a cuja attenção recorrem os Snupps. a V. Excia. para que attenden-do a esta verdadeira representação mandar fazer villa a nova freguezia de Campinas, porque assim podem servir os cargos da Republica, e sem prejuizo de tratarem da sua Lavoura. P. a Alta proteção de V. Excia. se digne attender ao requerimento dos Suppes.

mandando erigir Villa a dita fregue-zia de Campinas. E. R. M. O viga-rio da Freguezia de Campnas — Joa-quim José Gomes; Antonio Mendes de Godoy, José Gonçalves Cezar, Francis-co de Camargo Pimentel, Bernardo Guedes Barreto, José Soares de Ca-março, Joaquim Alves dos Santos, o alferes José Francisco de Moraes, o tenente José Pedro da Cunha, o alferes José Antonio do Amaral, Joa-quim Corrêa da Cunha, Joaquim An-tonio de Arruda, Joaquim Bernardo Gomes, Antonio Alves de Castro, João Manoel do Amaral, Raphael de Olivei-ra Cardoso, João Baptista Pimentel, Jeronymo Pedroso de Camargo Antonio Bueno Cardoso, João da Motta Saraiva e Ignacio Bueno de Camargo".

Teve bons resultados o pedido, tan-to assim que o então Governador e Capitão General da Capitania, Anto-nio Manuel de Castro e Mendonça por provisão de 4 de novembro do mesmo ano, expedindo-se a portaria em 15, mandou erigir a sua povoação em vi-la com a denominação de Vila de São Carlos, levantando ali Pelourinho, as-sinando-lhe termo, lugar e terreno para os Poços do Conselho, e Cadeia, procedendo a eleição de Juizes e mais oficiais da Câmara que haveriam de servir por confirmação de S. Exce-lência o primeiro ano, o que teve iní-cio em janeiro de 1798.

E ficou, assim terminado, o perí-odo que poderemos chamar de "forma-ção" propriamente da futura cidade de Campinas. Foi por essa época que começamos a receber, em maior núme-ro, membros de famílias importantes de distritos mais velhos não só da Capitania de São Paulo, como de Mi-nas, Rio de Janeiro e etc.. Dentre as famílias importantes que imigraram para cá, onde obtiveram sesmarias, podemos citar: o cap. José de Ca-março Paes, que havia servido de ou-vidor pela Lei em São Paulo, o pe. Joaquim Duarte, e ascendentes dos Moraes Salles, Pedro Gonçalves Meira, que foi quem construiu o primeiro sobrado, no local onde hoje se ergue o majestoso edificio "Columbia"; Diogo da Toledo Lara Ordonhes, que em 1.802 era Cavalheiro da Ordem de Cristo, Desembargador da Relação e Casa do Porto, Intendente Geral do Ouro da Repartição do Rio de Janeiro e Presidente da Mesa de Inspeção da mesma cidade; alferes Antonio de Camargo Penteado; o guarda-mor Manuel Teixeira Vilela e tantos ou-tros.

Os engenhos de cana multiplica-vam-se nas grandes sesmarias, nota-damente as pertencentes ao bairro das Anhumas (hoje Cosmópolis) e a cul-tura e moagem de cana tomaram con-sideravel incremento, tanto que em 1816 a Vila de São Carlos possuía perto de 96 engenhos.

A 1.ª LUTA POLÍTICA — A primei-ra luta "política" feriu-se em terras

da Freguesia da Vila de São Carlos, por volta de 1774, entre o capitão-mor de Jundiá, Antonio de Siqueira Leme, o capitão das ordenanças da mes-ma vila, que era Raimundo Alvares dos Santos Prado Leme e o diretor da fundação de Campinas, Francisco Barreto Leme.

Este Raimundo Alvares dos Santos Prado Leme, no entanto, passou a fi-gurar na história local, reaparecendo com importante questão na primeira Câmara da Vila de São Carlos, da qual mereceu tremenda e violenta acusa-ção. Indicado para o cargo de capitão-mor, estabeleceu-se formidanda celeu-ma entre o dr. José Barbosa da Cunha e outros vereadores campineiros e o capitão-general Melo Castro. Nessa al-tura, interveiu a família Teixeira No-gueira (irmãos do primeiro vigário frei António), fez valer sua populari-dade e apresentou como candidato o capitão Felipe Neri Teixeira. Afinal o conflito foi derimido, pois o irado capitão-general mandou presos para a barra de Santos os camaristas que se

opuseram a sua vontade. Durou a luta cerca de cinco anos. Foi neces-sário que Melo Castro deixasse o go-verno de São Paulo, que foi ocupado por Franco Horta, o qual levou ainda um ano para considerar o assunto e só se resolveu a romper com o prece-dente estabelecido pelo seu antecessor e fazer a nomeação de João Francisco de Andrade para capitão-mor, de acor-do com o pedido da Câmara de São Carlos e com os desejos dos homens honestos.

Resolvido esse impasse na vida cam-pineira entraram então a cuidar da vida da cidade, propriamente, que se desenvolvia grandemente. Entre o ano de 1807 e o de 1812 o açúcar branco era vendido ao preço de \$500 a arroba, pela decadência e falta de exportação.

#### A CATEDRAL

A Catedral de Campinas, esse im-ponente monumento que é hoje um dos atestados mais frizantes da gran-deza da primitiva vila de São Carlos e que bem demonstra o arrojo e a temeridade dos primeiros povoadores

de nossa terra, foi ideada em 1807, aos 6 dias do mês de outubro, sendo so-lemnemente inaugurada solenemente em 8 de dezembro de 1833.

Esse majestoso templo que até a elevação de Campinas a Bispado era conhecida por Matriz Nova, apresenta a particularidade de ser uma constru-ção monumental, com o embasamento da frente em enormes massas graní-ticas, talhadas em forma quadrangu-lar, com uma torre central de 59 me-tros de altura, consubstância preciosa manifestação de gosto artístico, e no seu interior, onde repousam os re-tos mortais dos exmos. e revmos. d. João Baptista Corrêa Nery e d. Fran-cisco de Campos Barreto, 1.º e 2.º bispos de Campinas, encerra obras de entalhe em cedro, que constituem o-je-to de admiração.

Essas obras de entalhe estão rever-tindo as suas colunas, os seus púl-pitos, muros e tetos, e culminam nos altares, nos quais o extraordinário ar-tista que as executou, e que foi Vi-toriano dos Anjos, natural da Bai-a, pôs toda a sua alma e todos os re-quisitos de sua privilegiada intuição artística.

Foram dispendidos na construção desse suntuoso templo cerca de 6.000 contos de réis, quantia essa que, para a antiga Vila de São Carlos, represen-tou um eloquente testemunho do fer-vor religioso de seus habitantes.

#### O ALGODÃO E O CAFÉ

Com a vinda da rainha e Família Real ao Brasil iniciou-se a edificação de uma serie de ranchos de repa-para pouso aos visitantes, desde S. Paulo até Go.az. Um desses ranchos coubo a Campinas, sendo situado no lago de Santa Cruz, onde mais tar-de estiveram acampadas as tropas da "Retirada da Laguna", que por aqui passaram sob o comando do tie- cel. D.ago, cuja oncaidade estivera ho-je pedada na chácara Raimundinho e cujo prédio, embora inutilizado, ainda hoje existe. Feio ano de 1819 alarga-va-se o plantio de cana de açúcar e tentava-se com algum sucesso o do algodão, de cujas primeiras referên-cias existem citações em autos do ano de 1824, como tendo sido culti-vadas em terras de propriedade de

Algodão de Moraes Salles e sua pro-prietária, d. Anna Baptista e Matos. O café, conquanto conhecido no mu-nicipio desde o ano de 1807 ou 1808 fora plantado na chácara do tte. Anto-ni Francisco de Andrade, somente em 1835 é que tomou maior incremento. Nesse ano a Vila de S. Carlos possuía apenas 9 fazendas produzindo 808 ar-robas.

#### OUTRAS NOTAS

Um dos fatos históricos de Campi-nas, no mesmo ano de sua elevação a cidade, foi o comate da Venda Grande pelo esse ocorrido a 7 de ju-nho, e que motivou até a migração de grande número de famílias.

Em 1872 acentuou-se uma das no-vas fases do progresso de Campinas. Por meio da linha férrea de Jundiá a esta cidade, e por intermedio do telegrafo haviam-se estabelecido co-municações com o mundo civilizado. Logo no ano seguinte surgiu o "Culto à ciência" do chao de uma chácara ignorada, libertando-se de meios es-tranhos, os campineiros abriram as-sim os áditos de um templo de edu-cação e ensino a seus filhos. Havia um só jornal, a "Gazeta de Campi-nas". No dia 13 de agosto, com a vi-sita do bispo D. Lino a esta cidade, coincidiu o aparecimento da primei-ra folha literária, a "Semana", fun-dada por Francisco Pedro de Oliveira e Hilario Magro Junior, este que é